

O CORPO E A EDUCAÇÃO DE BEBÊS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Patrícia Vieira Bonfim
Luciana Esmeralda Ostetto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – campus Muriaé
patricia.ftpb@gmail.com
Universidade Federal Fluminense
lucianaostetto@id.uff.br

Introdução

O corpo, nesta pesquisa, é entendido como uma linguagem comunicativa e expressiva, uma forma de ser e de estar no mundo. Se somos um corpo, e não apenas temos um corpo, essa materialidade viva pode se expressar na brincadeira, na dança, na arte e no encontro com o outro. Além de se expressar, o corpo pode ser lido, relido; pode ser bem ou mal interpretado; poetizado, conhecido. Ao questionar que histórias conta o corpo, podemos pensar com Ostetto (2012, p. 124) que cada ser humano carrega em si “[...] inscrições, marcas, memórias: de regras, comportamentos, leis, imposições. No corpo, muitas histórias: de incorporações, redefinições, transmutações de um tempo e de um espaço”.

Inicialmente, vale destacar quão relevante é a temática corpo para a educação escolar em geral. De modo específico, cabe a pergunta: como ela vem sendo discutida nas práticas pedagógicas em que a linguagem verbal está em desenvolvimento, em que o corpo é o elo entre adultos e bebês¹? Partindo dessa problemática, o texto apresenta um mapeamento das produções dos últimos dez anos (realizado em consulta a um banco de dados *online*) e analisa o que as pesquisas dizem sobre a temática, traçando os primeiros resultados.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de dar visibilidade ao corpo no contexto do berçário, pois é por meio dele que os bebês se expressam, choram, riem, brincam e interagem com seus pares e com os adultos. Acreditamos que, por esse viés, por esta chave de leitura que é o corpo, outros encaminhamentos podem surgir para se pensar a prática pedagógica e a formação inicial e continuada de professoras e professores da Educação Infantil.

Metodologia

Com intuito de visualizar as pesquisas sobre o tema, produzidas entre os anos de 2008 e 2017, foi realizado, no primeiro semestre de 2018, um levantamento bibliográfico na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Para orientar a busca dos trabalhos, utilizaram-se os seguintes descritores: *palavras* – corpo, creche e bebê; *resumo* em português; *correspondência de busca* – todos os termos; *tipo de documentação* – teses e dissertações.

Resultados e discussões

Inicialmente, encontramos 34 trabalhos a partir dos descritores elencados. Todavia, após mapeamento do material e leitura dos resumos, verificamos que quatro das referidas pesquisas ou aparecem duplamente no banco de dados, ou fazem menção à creche em contexto de outra área muito distinta, como o da zootecnia. Então, ao final dessa primeira etapa, foram

¹ O documento do Ministério da Educação (BRASIL, 2018) orienta que os grupos etários que constituem a Educação Infantil são subdivididos em: bebês (zero a um ano e seis meses), crianças bem pequenas (um ano e sete meses a três anos e 11 meses) e crianças pequenas (quatro anos a cinco anos e 11 meses). (83) 3322.3222

selecionadas 20 dissertações e dez teses. No que se refere à região onde foram defendidas, são: 13 na Sudeste, oito na Sul, sete na Nordeste, uma na Norte e uma na Centro-Oeste.

Outro recorte utilizado para esta etapa inicial da pesquisa foi selecionar, do material que se tinha coletado, as teses defendidas em Programas de Pós-graduação em Educação no Brasil: cinco atenderam a esse critério (três concluídas em instituições públicas e duas em instituições privadas).

Com esse material, retoma-se à questão que abre este texto: o corpo e a educação de bebês, o que dizem as pesquisas?

Guimarães (2008) se propõe a realizar um estudo que tem como objetivos: conhecer e compreender as relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si numa creche pública da cidade do Rio de Janeiro, como também perceber e dar visibilidade aos sentidos que emergem das relações e ações das crianças. Nesse percurso, a autora analisa a dimensão corporal a partir de um dos eixos pilares da Educação Infantil: o cuidar. Em suas análises, reconhece que esse eixo assume, frequentemente, a dimensão mecânica e instrumental nas atividades com os bebês, provavelmente pelo caráter higienista e assistencialista que marca a trajetória histórica das creches. Deslocando-se desse sentido para a perspectiva ética e humanitária, a pesquisadora revisa o conceito de cuidado e busca, por meio do aporte foucaultiano, defender o posicionamento de que o cuidar precisa estar atrelado às dimensões do conhecimento de si e do outro.

O que se pode destacar a partir dos achados de Guimarães (2008) é que, para estar atento às potencialidades dos bebês, são necessários um novo olhar e a reorganização das rotinas e horários de modo que a linguagem corporal possa ser vivenciada na creche. Ainda sobre as rotinas, a autora esclarece que estas são importantes, desde que não se tornem aprisionadoras dos sentidos e expressões das crianças. Um outro dado relevante que nos faz pensar sobre o corpo diz respeito às produções. Desde a tenra idade, há ênfase nos “trabalhinhos” que mais objetivam compor os murais da instituição e as pastas dos bebês do que possibilitar a experimentação, a arte e a criação.

No que se refere a esse último aspecto, –a produção dos “trabalhinhos”–, resultados semelhantes são encontrados na tese de Sabbag (2017). Nela, a autora traz outros subsídios para se pensar a educação dos bebês ao propor em sua investigação conhecer a centralidade do corpo na constituição da docência na Educação Infantil. Para isso, aplicou um questionário a 45 professoras que atuam nas creches e pré-escolas de 12 municípios da região metropolitana de Florianópolis. E, posteriormente, fez uma entrevista semiestruturada com 13 delas. Destaca em seus achados que é preciso os professores se voltarem para o seu corpo para perceberem o corpo do outro. Entretanto, as formações, inicial e a continuada, em sua maioria, não têm valorizado esse conhecimento, especialmente no que se refere à educação dos bebês. Trocar fraldas, alimentar um bebê e outras tarefas que envolvem o corpo na maior parte da rotina nas creches não foram aprendidas pelas profissionais durante a formação. Parece ficar subentendido que uma profissão altamente marcada pela presença de mulheres já abarca esses saberes da experiência feminina (como mães, tias e irmãs), o que nem sempre ocorre, ou, se ocorrem, não são pensados no contexto de uma profissionalidade em que o que está em xeque são o cuidar e o educar indissociavelmente.

Outro dado relevante nos resultados da pesquisa é que parece se trabalhar mais sobre o corpo do que com o corpo. Dito de outro modo, há mais preocupação em expor “trabalhinhos” das crianças (por exemplo, aqueles que estampam as mãos de tintas dos bebês no papel) do que permitir-lhes vivenciar experiências sensoriais no contato com a tinta e outras materialidades. Achados semelhantes, como visto anteriormente, foram encontrados em Guimarães (2008).

Em um viés histórico e com o aporte da sociologia da infância, a pesquisa de Conceição (2014) também analisada neste levantamento, teve como objetivo investigar o processo de institucionalização de bebês e crianças bem pequenas em Francisco Beltrão/PR nas décadas de 1980 e 1990. Essa institucionalização esteve associada à identidade feminina; portanto, à maternagem e ao trabalho doméstico. Durante o levantamento dos dados por parte da pesquisadora, observaram-se elementos interessantes no que se refere aos bebês, principalmente nas subcategorias corpo, saúde e sono. A autora esclarece que, segundo os documentos analisados, a ênfase dada ao corpo dos bebês na creche esteve basicamente vinculada aos aspectos biológicos (ser alimentado, cuidado, limpo e agasalhado). Isso se observa, por exemplo, nas descrições da ficha de avaliação dos bebês, em que a alimentação, o controle dos esfíncteres e o desenvolvimento motor eram os aspectos considerados, reforçando, assim, uma visão de pouca expectativa em relação à aprendizagem nesse período da vida.

Outra pesquisa que também problematiza e aprofunda as questões de gênero é a de Lopes (2015). Nela, a autora tem como objetivo conhecer a experiência de quatro educadores homens que atuam nas creches da rede pública do município de Santo André/SP, ou seja, em espaços reconhecidos pela história da educação como majoritariamente femininos. Os resultados apontam que estes corpos pesquisados – masculinos –, frequentemente se sentem seres estranhos, mal compreendidos, em busca de investimento constante na formação continuada para afirmarem sua identidade profissional. Outro dado relevante é que a equipe escolar e a família frequentemente parecem ver o corpo masculino como ameaça para a instituição, principalmente nos momentos de cuidado e higienização dos bebês. Com intuito de evitar as possíveis alegações de assédio e abuso sexual, os professores relataram que o contato corporal é, muitas vezes, evitado, ocasionando uma fragilidade nas relações, especialmente nas dos bebês. Apesar desses desafios, os professores afirmam realizar um trabalho que valorize a dimensão corporal de seus educandos.

Um último ponto a destacar no que se refere à análise das teses encontradas é que uma delas, a de Macêdo (2014), embora mencione o corpo e a creche em seu resumo, não tem como delimitação de estudo a educação de zero a um ano e seis meses, por isso optou-se por não discuti-la neste texto.

Conclusões

Malaguzzi² diz que a criança é feita de cem linguagens e que a escola lhe roubou noventa e nove. Diz ainda que não só a escola, mas a cultura lhe separou a cabeça do corpo. Suas delicadas palavras nos fazem pensar na potência das pesquisas que buscam colocar o corpo em discussão, que o compreendem em uma perspectiva integrada, em que razão, emoção e motricidade são consideradas indissociavelmente.

Como se pôde observar nas análises que fizemos das pesquisas mapeadas, não só o corpo é reflexo dos resquícios da concepção cartesiana, mas também o biológico e o cultural, a educação e o cuidado, as tarefas masculinas e femininas, portanto, muito ainda temos que investir em estudos e formação. Se os professores e professoras, especialmente os da Educação Infantil, não possuírem uma visão ampla sobre essas dicotomias, estarão vulneráveis a adotarem a reprodução, a disciplinarem os corpos na escola, de maneira que estes não fujam ao controle do planejado.

Se a formação inicial ainda continua ineficiente ou precária, como apontou os resultados de Barbosa (2015), há necessidade de investimento em formação continuada, para

² Poesia de Loris Malaguzzi: Invece il cento c'è publicada em: EDWARDS, C.; GANDIN, L.; FORMAN, G. I cento linguaggi dei bambini. Itália: Edizione Junior, 1995; e, em 1997, publicada em português pelas Artes Médicas como: As Cem Linguagens da Criança. Ilustração Francesco Tonucci. Com olhos de criança. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. (83) 3322.3222

que os docentes possam refletir sobre o corpo e vivenciá-lo em sua inteireza, assim, minimizarem seus receios na prática pedagógica com bebês.

Como dito inicialmente, esta é uma pesquisa em andamento. Na próxima etapa, pretendemos dar continuidade às análises dos trabalhos defendidos em Programas de Pós-graduação em Educação em nosso País, como também dos trabalhos encontrado sobre o tema no banco de dados da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd), mais especificamente no Grupo de Trabalho (GT) 07 – Educação de 0 a 6 anos.

Referências

BARBOSA, Carolina da Silva. *A dimensão corporal na formação inicial de Pedagogia: uma análise do currículo nas Universidades Federais do Brasil*. 2015. 137 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. A etapa da Educação Infantil. In: BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2018. p. 33-53.

CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortelini. *Práticas e representações da instituição da infância: bebês e crianças bem pequenas na creche em Francisco Beltrão/PR (19801190)*. 2014. 253 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. *Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado*. 2008. 222 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LOPES, Elsa Santana dos Santos. *A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora do lugar?* 2015. 160 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. *A infância resiste à pré-escola?* 2014. 237 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Dos gestos na Educação Infantil: textos no corpo. In: OSTETTO, Lucia Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. *Arte, Infância e formação de professores*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 121-128.

SABBAG, Samantha. *“Porque a gente tem um corpo, né... mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!”: a centralidade do corpo adulto nas relações educativas na Educação Infantil*. 2017. 248 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.